



IV SEMINÁRIO FORMAÇÃO DOCENTE: INTERSECÇÃO ENTRE UNIVERSIDADE E ESCOLA

“Educação Pública em Tempos de Reformas”

Dourados - MS, de 09 a 11 de Setembro de 2019

DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM NOS ANOS INICIAIS E AS PRÁTICAS PSICOPEDAGÓGICAS

Thais Rodrigues MACHADO ¹

Eixo 3 – Formação Continuada

Resumo

O presente trabalho tem como objetivo propor reflexões sobre as dificuldades de aprendizagem na leitura e na escrita nos anos iniciais do ensino fundamental e como as práticas psicopedagógicas podem auxiliar para amenizar essas dificuldades. Durante a prática educativa é comum vermos professores relatarem as dificuldades de aprendizagem dos alunos e muitas das vezes eles não sabem o que fazer para detectar os motivos dessa dificuldade e sanar essa problemática. Inúmeros estudiosos contribuem a esse respeito na tentativa de não somente compreender, mas também contribuir para diminuir essa problemática no meio educacional. Sabemos que a escola não é o único lugar de aprendizagem, mas sabemos que é no ambiente escolar que muitas das dificuldades das crianças aparecem. Desta forma cabe aos profissionais da educação estarem em constante observação, atentos à construção de conhecimento dos seus educandos. Para tais fins iremos recorrer a estudiosos no assunto como Bossa (2000), Cagliari (1997), Franco (2012), Glat e Blanco (2009), Tavares (2013) entre outros. Pretendemos dialogar com diversos teóricos sobre a temática, no sentido de contribuir para o processo de ensino aprendizagem dos alunos. Para alcançar os devidos objetivos optamos por realizar uma pesquisa bibliográfica qualitativa, onde serão pesquisados conteúdos de autores que publicaram trabalhos sobre o tema.

Palavras-Chave: Aprendizagem 1. Dificuldades na Aprendizagem 2. Anos Iniciais, Leitura 3. Escrita 4. Práticas Psicopedagógicas 5.

1 INTRODUÇÃO

Sabemos que as crianças não aprendem apenas na escola, mas é nas instituições educacionais que as dificuldades na aprendizagem ficam evidentes. Muitas das vezes os professores não sabem como detectar quais são as deficiências desses alunos e

¹ Doutora em Educação carehammes@gmail.com

dessa forma têm dificuldade em traçar metodologias para diminuir as dificuldades na aprendizagem dos alunos. A dificuldade das crianças na leitura e na escrita tem sido um dos principais motivos do desinteresse e fracasso escolar, uma vez que a criança percebendo seu atraso em relação as outras crianças se sentem desmotivada e passa a ter autoestima baixa.

O professor sozinho não consegue fazer todo esse trabalho sozinho, para que o ele consiga fazer uma intervenção satisfatória, de forma a realmente ajudar essa criança é necessário a contribuição do psicopedagogo para não somente detectar as dificuldades na aprendizagem, mas também para avaliar e traçar saídas para sanar ou amenizar as dificuldades delas. O presente trabalho tem como objetivo propor reflexões sobre a dificuldades de aprendizagem na leitura e na escrita nos anos iniciais do ensino fundamental e como as práticas psicopedagógicas podem auxiliar para amenizar essas dificuldades.

Para alcançar os objetivos pretendidos durante a pesquisa foi necessário realizar uma pesquisa bibliográfica sobre a proposta da Psicopedagogia e suas contribuições para intervir e prevenir os problemas de aprendizagem no contexto escolar. Partimos dos seguintes questionamentos: Qual o papel do psicopedagogo e como ele pode contribuir nas instituições educacionais para detectar as dificuldades na aprendizagem das crianças no processo de alfabetização e letramento? Qual o papel dos professores nesse processo? Qual a importância da família?

O artigo está dividido em quatro partes, a primeira irá tratar do processo e aquisição da leitura e da escrita, a segunda sobre as dificuldades de aprendizagem e as práticas psicopedagógicas, a terceira sobre o papel do professor e da família na aprendizagem das crianças e por fim a conclusão.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O processo de aprendizagem da leitura e da escrita é diferente para cada criança, sabemos que algumas o processo de aquisição é mais fácil é para outras mais difícil. Quando falamos de crianças com dificuldades de aprendizagem esse processo tende a ser mais longo e tortuoso.

Ao iniciar sua vida escolar as crianças se deparam com a escrita e ela se torna o processo mais importante na sua aprendizagem, para maioria delas é um processo novo e difícil. A maioria dos profissionais optam pela escrita de forma por ser mais fácil para elas, pois muitas delas mal sabem pegar nos lápis, além de que a escrita de forma já faz parte das suas vidas a mais tempo por ser comum em livros, cartazes, rótulos etc., mas alguns profissionais optam pela cursiva por acharem que aprender a letra de forma é perder tempo uma vez que depois ela terá que apreender a letra cursiva.

Segundo Cagliari (1997): “A escrita seja ela qual for, tem por objetivo primeiro a leitura. A leitura é uma interpretação da escrita que consiste em traduzir os símbolos escritos em fala. Alguns tipos de escrita se preocupam com a expressão oral e outros simplesmente com a transmissão de significados específicos, que devem ser decifrados por quem é habilitado.”(CAGLIARI, 1997, P.17)

Quando falamos sobre alfabetização tem que ter em mente que se trata da capacidade de ler e escrever, como também compreender dentro de um determinado contexto, mas nem sempre foi assim.

Segundo LAGOA (1990): “Houve um tempo que era apenas passar os rudimentos da língua para outra pessoa. Aquele que conhecia esses códigos era considerado alfabetizado. Hoje podemos dizer que o indivíduo que possui o domínio do código e realiza a tarefa de codificar/decodificar é considerado como alfabetizado” (LAGOA, 1990, p. 34).

A esse respeito Soares (2005) contribui que:

(...) alfabetização e letramento são conceitos frequentemente confundidos e sobrepostos, é importante distingui-los, ao mesmo tempo que é importante também aproximá-los: a distinção é necessária porque a introdução no campo da educação, do conceito de letramento tem ameaçado perigosamente a especificidade do processo de alfabetização; por outro lado, a aproximação é necessária porque não só o processo de alfabetização, embora distinto e específico, altera – se e reconfigura – se no quadro do conceito de letramento, como também é dependente daquele. (SOARES, 2005, p. 16)

O processo de aquisição da leitura e da escrita infleem em questões relativas a forma que ocorre o processo de ensino/aprendizagem como as características do educador, sua forma de ensinar e como ocorre a sua interação com as crianças. O

contexto escolar e o contexto social e familiar em que a criança está inserida também influencia nesse processo, ou seja, para que o aprendizado ocorra da forma que se espera vai muito além da sua capacidade cognitiva. A esse respeito Soares contribui que:

se alfabetizar significa orientar a própria criança para o domínio da tecnologia da escrita, letrar significa levá-la ao exercício das práticas sociais de leitura e escrita. Uma criança alfabetizada é uma criança que sabe ler e escrever, uma criança letrada (...) é uma criança que tem o hábito, as habilidades e até mesmo o prazer da leitura e da escrita de diferentes gêneros de textos, em diferentes suportes ou portadores, em diferentes contextos e circunstâncias (...) Alfabetizar letrando significa orientar a criança para que aprenda a ler e a escrever levando – a conviver com práticas reais de leitura e de escrita. (Jornal do Brasil - 26/11/2000).

Desta maneira passa a se perceber a necessidade de uma nova forma de alfabetizar onde a criança tenha o domínio do código, mas também seja capaz de compreender o que leu, de forma a ter condições de inferir sobre o tema, produzir textos coerentes e coesos com o momento e a finalidade em que for produzido.

2.1 Dificuldades de aprendizagem e práticas psicopedagógicas

O psicopedagogo atua analisando e assimilando os fatores que favorecem ou prejudicam a aprendizagem dos alunos, auxilia na identificação e revolução dos processos da aprendizagem, busca ações e propor saídas possíveis para não somente sanar um déficit na aprendizagem desses alunos como também contribuir para tornar a aprendizagem mais significativa para eles, eliminando as barreiras que dificultam a aprendizagem.

A respeito do papel do psicopedagogo é Bossa contribui:

A Psicopedagogia refere-se a um saber e a um saber fazer, às condições subjetivas e relacionais – em especial familiares e escolares – às inibições, atrasos, desvios do sujeito ou grupo a ser diagnosticado. O conhecimento psicopedagógico não se cristaliza numa delimitação fixa, nem nos déficits e alterações subjetivas do aprender, mas avalia a possibilidade do sujeito, a disponibilidade afetiva de saber e fazer, reconhecendo que o saber é próprio do sujeito (BOSSA, 2000, p.127)

Segundo Fabricio (2000) a psicopedagogia é uma área das Ciências Humanas que se dedica ao estudo dos processos de aprendizagem, constitui a partir de uma nova compreensão acerca da complexidade dos processos de aprendizagem e, dentro desta perspectiva, das suas deficiências. (FABRICIO, 2000, p. 35). Sobre o objetivo do tratamento psicopedagógico Bossa comenta:

O objetivo do tratamento psicopedagógico é o desaparecimento do sintoma e a possibilidade do sujeito aprender normalmente em condições melhores enfatizando a relação que ele possa ter com a aprendizagem, ou seja, que o sujeito seja o agente da sua própria aprendizagem e que se aproprie do conhecimento (Bossa, 2007, p.21).

Podemos perceber dessa forma que não somente os problemas relacionados aos fatores cognitivos podem acarretar a dificuldade na aprendizagem, problemas relacionados a organização pedagógica, relacionadas questões emocionais e sociais dos alunos também podem contribuir de forma negativa para que essa criança não aprenda e passe a ficar atrasada em relação as outras crianças. Devemos ter em mente que criança é um ser diferente, com suas particularidades e desta forma entender que elas precisam muitas das vezes de abordagem diferentes para obter os resultados desejados.

Como já foi dito anteriormente a maioria das dificuldades na aprendizagem nos anos iniciais são de ordem emocionais, educacionais ou ambientais, apenas uma pequena parcela tem a ver com a problemas relacionados ao cognitivo dessas crianças.

O psicopedagogo atua juntamente com as crianças com intuito de identificar as possíveis causas dessas dificuldades, mas também atua analisando e elaborando estratégias educacionais que sejam eficientes para que elas tenham condições de aprender em pé de igualdade com as outras crianças alcançando assim o sucesso escolar.

2.2 Ludicidade como ferramenta psicopedagógicas

Utilizar as atividades lúdicas como ferramentas psicopedagógicas nos anos iniciais pode contribuir e muito para a aprendizagem das crianças. Segundo Rolim, Guerra e Tassigny (2009, p. 180):

A relação entre o desenvolvimento, o brincar e a mediação são primordiais para a construção de novas aprendizagens. Existe uma estreita vinculação entre as atividades lúdicas e as funções psíquicas superiores, assim pode-se afirmar a sua relevância sócio cognitiva para a educação infantil. As atividades lúdicas podem ser o melhor caminho de interação entre os adultos e as crianças e entre as crianças entre si para gerar novas formas de desenvolvimento e de reconstrução de conhecimento. (ROLIM, GUERRA e TASSIGNY, 2009, p. 180)

Inserir atividades lúdicas no processo se torna extremamente essencial para que as crianças comecem a perceber o mundo a sua volta, adaptando-se, portanto, melhor ao ambiente escolar. Estudos comprovam que é através das brincadeiras que a criança estabelece relações, interagem, aprende o conceito de respeito e cooperação, se desenvolve física e emocionalmente.

Durante as atividades lúdicas as crianças utilizam seu senso crítico, aprender a ter limites, torna-se criativa e desenvolve seu pensamento além de estarem fazendo atividade prazerosas e agradáveis. De acordo com Fortuna, “como brincar associa pensamento e ação, é comunicação e expressão, transforma e se transforma continuamente, é um meio de aprender a viver e de proclamar a vida” (FORTUNA, 2008, p. 465).

As práticas psicopedagógicas devem levar em conta as necessidades das crianças ao mesmo tempo deve estimular de forma criativa, flexível, sem deixar de lado as particularidades de cada um, mas também contemplando o coletivo.

Sobre o educar, o RCNEI, afirma que:

Educar significa, portanto, propiciar situações de cuidados, brincadeiras e aprendizagens orientadas de forma integrada e que possam contribuir para o desenvolvimento das capacidades infantis de relação interpessoal, de ser e estar com os outros em uma atitude básica de aceitação, respeito e confiança, e o acesso, pelas crianças, aos conhecimentos mais amplos da realidade social e cultural. (BRASIL, 1998, p.23).

Desta forma fica clara a importância de educar se preocupando com o cuidado dessas crianças, mas também respeitando suas diferenças, fazendo uso de atividades lúdicas que propicie o desenvolvimento integral delas. Educar passa a ter um conceito mais amplo, deve propiciar situações de cuidado e aprendizagem, mas também contribuir para desenvolver a capacidade das crianças de se relacionarem com seu meio e com as outras crianças, contribuir para formação da identidade delas.

O desenvolvimento de uma criança para ser consolidado depende de uma série de estímulos sociais aliados também com estímulos ambientais (físicos), o contato com os objetos, a observação dos símbolos, fazem parte do processo formação de qualquer indivíduo, pois segundo Vygotsky somente isso o torna capaz de resolver situações utilizando seu conhecimento de forma autônoma.

Para que as atividades lúdicas promovam realmente o desenvolvimento integral das crianças devemos lembrar que não devemos pensar no brincar como algo banal e sem propósito.

2.3 O papel do professor e da família no desenvolvimento da aprendizagem das crianças

Segundo ZABALA, 2002, p.46 “A função do professor é conhecer o aluno, valorizá-lo para despertar seu interesse em buscar o conhecimento. Buscar ele próprio, não impor-lhe o conhecimento.” Contribuindo dessa forma para a construção de sua autonomia, ou seja, construir gradativamente a capacidade de tomar decisões de forma moral e intelectual. Os professores devem a simples transmissão de conteúdos não fazem sentido para os alunos, somente quando esses conteúdos são trabalhados de forma significativa para os alunos o aprendizado passa a ter sentido e a aquisição de conhecimento também, uma vez que:

Aprende-se participando, vivenciando sentimentos, tomando atitudes diante dos fatos, escolhendo procedimentos para atingir determinados objetivos. Ensina-se não só pelas respostas dadas, mas principalmente pelas experiências proporcionadas, pelos problemas criados, pela ação desencadeada. (LEITE, 1998, p.71).

O professor é o principal mediador do sucesso dos seus alunos, desta forma quando observam as deficiências ou limitações de seus alunos devem tentar ajudá-lo buscando saídas para sanar ou amenizar as dificuldades deles, como também levantar a autoestima deles, mas muitas das vezes os profissionais diante dessas dificuldades e se sentindo incapazes de resolvê-los acabam por desistir dessas crianças por entenderem que é um caso perdido ou até mesmo rotulando como incapazes de adquirir conhecimento ou preguiçosos. Essa atitude acaba por marcar o aluno principalmente nos anos iniciais, pois é o período em que a criança está iniciando a sua vida escolar, quando tudo é novo e ainda não compreendem importância e o real significado daquele aprendizado.

Sobre a importância da afetividade na relação entre aluno/professor Almeida afirma que:

Se os afetos, as emoções, têm íntima ligação com a inteligência e vice-versa, e se o ato de ensinar-aprender ocorre num processo relacional, vincular, necessariamente, essa relação terá de levar em consideração, no seu modus operandi, toda a variada gama de expressões dos afetos e das emoções, presentes na relação professor-aluno e, conseqüentemente, na transmissão e apropriação do conhecimento. (ALMEIDA, 1993, p.40).

O fracasso escolar nem sempre tem a ver com a metodologia adotada pela escola e professores ou por desinteresse dos alunos, muitas das vezes o fracasso escolar pode ter a ver com fatores de ordem orgânicas, psicológicas e físicas.

Sabemos que a família tem um papel essencial e importantíssimo no desenvolvimento das crianças, independente do grau de formação que seus familiares possuem. É nesse primeiro grupo social que as crianças iniciam seu aprendizado e sua preparação para vida, aprendem hábitos e valores que serão essenciais para sua vida no mundo externo. Quando falamos em família engloba todo e qual estrutura família, uma vez que verificamos que o modelo familiar vem sofrendo grandes transformações.

Segundo Samara (1998, p.07) família é: “uma instituição social fundamental, de cujas contribuições dependem todas as outras instituições, justifica-se dada a importância do tema para se entender a natureza das sociedades, tanto no presente como no passado”.

Desta forma a família deve ser a primeira grande referência para a criança e por isso deve estar sempre presente nas etapas da vida delas. Filhos que possuem pais que participam da sua vida escolar, acompanhando o seu desenvolvimento, participando efetivamente, indo a reuniões de escola, atendendo os chamados da escola sempre que solicitado, acompanhando seus filhos em casa seja ajudando em tarefas ou ao menos ditando regras de estudos a essas crianças, tende a alcançar a êxito escolar. Da mesma forma que crianças em que os pais não participam da vida escolar de seus filhos de nenhuma forma tendem ao fracasso, as crianças não veem a escola como algo importante uma vez que nem mesmo seus familiares dispõe de tempo e animo para sua vida escolar.

A respeito da importância da família no desenvolvimento das crianças Sabini (1998, p.65) acrescenta:

Os pais têm um papel importante no processo de desenvolvimento da autonomia. Se eles encorajarem as iniciativas da criança, elogiarem o sucesso derem tarefas que não excedam as capacidades da criança forem coerentes em suas exigências e aceitarem os fracassos estarão contribuindo para o aparecimento do sentimento de autoconfiança e autoestima. (SABINI, 1998, p.65)

Desta forma a família deve promover bons exemplos a essa criança, estabelecer regras coerentes, nunca puni-las com frases negativas, procurar entender as dificuldades que elas possuem e elogiar sempre os acertos ou tentativas de acerto para que elas entendam que não estarão sozinhas durante o processo de sanar as suas dificuldades e não ter medo de errar. Para Tavares (2013, p. 17) "A família é a primeira grande referência das crianças. Toda vez que elas fazem algo e dão o seu melhor, precisam que alguém reconheça a qualidade daquilo que foi realizado. E as pessoas mais importantes durante a infância são os pais".

Infelizmente muitas famílias acreditam que a escola é um depósito de crianças e que toda responsabilidade na formação da criança é da escola. Essas famílias matriculam seus filhos, mas acham que não precisam fazer um acompanhamento na vida escolar deles. Essas atitudes contribuem e muito para o fracasso escolar dessas crianças. Se sentirem importantes e motivadas, perceberem que seus pais acompanham seu rendimento escolar e se preocupam com suas dificuldades,

entenderem que terão apoio não somente da escola, mas principalmente em casa para enfrentar suas limitações é essencial para alcançar o sucesso escolar.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho propôs uma reflexão as dificuldades de aprendizagem na leitura e na escrita nos anos iniciais do ensino fundamental e como as práticas psicopedagógicas podem auxiliar para amenizar essas dificuldades.

Muitos professores percebem que a aprendizagem de alguns dos seus alunos está defasada, mas muitas das vezes não sabem como lidar com o problema, pois para detectar e amenizar as dificuldades de aprendizagem é necessário muito preparo dos educadores e um trabalho em conjunto com todos os envolvidos no processo educativo.

Segundo BOSSA 1994, os problemas de aprendizagem possuem origem na constituição do desejo do sujeito. Embora as explicações para o fracasso escolar tenham sido dadas com justificativas na desnutrição, nos problemas neurológicos e genéticos, poucas são as explicações que enfatizam as questões inorgânicas, ou seja, as de ordem do desejo do sujeito. Desta forma podemos perceber que para chegar a causa do problema de aprendizagem é necessário que se leve em conta tanto fatores internos como externos respeitando a individualidade de cada crianças.

Para o psicopedagogo chegar ao foco do problema faz-se necessário um estudo aprofundado de caso, seguindo as correntes teóricas, determinando o perfil do educando, buscar colaboração da família e dos demais envolvidos no processo educativo. Cabe ao professor entender essas diferenças no desenvolvimento das crianças levando em conta o ritmo de cada uma, adaptando as atividades a partir do meio em que ela está inserida e suas limitações. Quanto mais lúdica forem as atividades maiores são as chances de cativar seu aluno. A inserção de atividades lúdicas nas processo educativo das crianças é de extrema importância, quando falamos em crianças com défices de aprendizagem essa necessidade se torna ainda maior uma vez que o desenvolvimento cognitivo e integral da criança está ligado ao

seu corpo e seus movimentos que expressam sentimentos, pensamentos e atitudes, os quais muitas vezes estão arquivados nos inconscientes.

Portanto, a intervenção psicopedagógica institucional é imprescindível para a busca de superação, visando o desempenho dos alunos no processo de aprendizagem escolar, pois a avaliação permitirá que a instituição obtenha domínio para corrigir ou aprimorar o desempenho dos alunos na aprendizagem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Sandra Francesca Conte de. **O lugar da afetividade e do desejo na relação ensinar** – aprender. Revista Temas em Psicologia, n. 1, 1993.

ANDRADE, M. S. Rumos e diretrizes dos cursos de Psicopedagogia: análise crítica do surgimento da Psicopedagogia na América Latina. **Cadernos de Psicopedagogia**, v.3, n. 6, 70-71, junho. 2004.

BOSSA, Nadia A. **A Psicopedagogia no Brasil**: contribuições a partir da prática. Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Artes médicas sul, 2007.

BOSSA, Nadia A. **A Psicopedagogia no Brasil**: contribuições a partir da prática. Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Artes médicas sul, 2000.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. Secretária de Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**: Brasília: MEC/SEF, 1998.3v.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e Linguística**. 10. ed. São Paulo: Scipione, 1997.

CÓRIA-SABINI, Maria Aparecida. **Psicologia do desenvolvimento**. São Paulo: Ática 1998.

FABRICIO, Nívea M. C. **Psicopedagogia Avanços Teóricos e Práticos**. São Paulo. Ed. ABPp, 2000.

FORTUNA, Tânia Ramos. **Papel do brincar: aspectos relevantes a considerar no trabalho lúdico**. Revista do Professor, Porto Alegre, 18(71): 9-14, jul.set. 2002

FORTUNA, Tânia Ramos. **O brincar, as diferenças, a inclusão e a transformação social**. Atos de Pesquisa em Educação – PPGE/ME FURB, v.3, nº 3, p. 460-472, set./dez. 2008.

KRAMER, Sônia. **A infância e sua singularidade**. In: Ensino fundamental de nove anos: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade/ organização Jeanete Beauchamp, Sandra Denise Rangel, Aricélia Ribeiro do Nascimento – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007

LAGOA, A. **Afinal, o que é alfabetizar?** Nova Escola, Agosto, 1990.

LEITE, Lúcia Helena Alvarez, **Pedagogia de Projetos**: intervenção no presente. Presença Pedagógica, Belo Horizonte: Dimensão, 1998. pp. 24-33.

ROLIM, Amanda Alencar Machado; GUERRA, Siena Sales Freitas; TASSIGNY, Mônica Moto. **Uma leitura de Vygotsky sobre o brincar na aprendizagem e no**

desenvolvimento infantil. Rev. Humanidades, Fortaleza, v. 23, n. 2, p. 176-180, dez. 2009.

SAMARA, Eni de Mesquita. **A família brasileira.** 4 ed. São Paulo, SP (Brasil): Editora Brasiliense, 1998.

SOARES, Magda. **Alfabetização e Letramento:** caderno do professor. Belo Horizonte: Ceale FaE/UFMG, 2005.

STRICK, C. e SMITH, L. **Dificuldades de aprendizagem de A a Z** – Um guia completo para pais e educadores. Porto Alegre: ARTMED, 2001.

TAVARES, Adriana. **A construção da autoestima. Educar para crescer.** São Paulo, p.47, Set.2013.

ZABALA, Antoni. **A Prática educativa: como ensinar.** Porto Alegre: ArtMed, 2002.

REFERÊNCIAS